



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DO BAIXO TOCANTINS
FACULDADE DE CIÊNCIA DA LINGUAGEM

MAILSON ALBUQUERQUE DA COSTA

**ROMANTISMO: O SENTIDO DA VIDA NA PERSONAGEM SIMÃO BOTELHO EM
AMOR DE PERDIÇÃO, DE CAMILO CASTELO BRANCO**

ABAETETUBA

2021

MAILSON ALBUQUERQUE DA COSTA

**ROMANTISMO: O SENTIDO DA VIDA NA PERSONAGEM SIMÃO BOTELHO EM
AMOR DE PERDIÇÃO, DE CAMILO CASTELO BRANCO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado para
obtenção de grau de Licenciatura Plena em Letras-
Língua Portuguesa, Faculdade de Ciência da
Linguagem, Universidade Federal do Pará, Campus
Universitário do Baixo Tocantins.

Orientador: Prof. Dr. Benilton Lobato Cruz

ABAETETUBA

2021

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)**

C837r Costa, Mailson Albuquerque.
Romantismo : O sentido da vida na personagem Simão Botelho
em Amor de Perdição, de Camilo Castelo Branco / Mailson
Albuquerque Costa. — 2021.
32 f.

Orientador(a): Prof. Dr. Benilton Lobato Cruz
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade
Federal do Pará, Campus Universitário de Abaetetuba, Curso de
Língua Portuguesa, Abaetetuba, 2021.

1. Romantismo . 2. Logoterapia. 3. Simão Botelho. 4.
Sentido da vida. I. Título.

CDD 801.92

MAILSON ALBUQUERQUE DA COSTA

**ROMANTISMO: O SENTIDO DA VIDA NA PERSONAGEM SIMÃO BOTELHO EM
AMOR DE PERDIÇÃO, DE CAMILO CASTELO BRANCO**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Letras-Língua Portuguesa da Faculdade de ciências da Linguagem da Universidade Federal do Pará, Campus Universitário do Baixo Tocantins como requisito para a obtenção de grau de Licenciatura plena em Letras-Língua portuguesa.

Data de aprovação ___/_____/_____

BANCA EXAMINADORA:

Nome com titulação

Instituição a que pertence

Nome com titulação

Instituição a que pertence

Nome com titulação

Instituição a que pertence

Ao meu Deus e a minha família que me deram
a esperança e a força de enfrentar os desafios
da vida.

AGRADECIMENTOS

Primeiro, acima de tudo, agradeço a Deus, pela inteligência e conhecimento para a conclusão deste trabalho. Ao meu orientador, professor Dr. Benilton Lobato Cruz, que me orientou no planejamento, pesquisa e conclusão do trabalho. A todos os professores da Faculdade de Ciência da linguagem, Campus Baixo Tocantins, pelas disciplinas ministradas, debates, eventos e orientações de pesquisas em linhas variadas. A todos os servidores do Campus que me acolheram e me ajudaram desde o início da minha graduação até o encerramento desta etapa da graduação. Aos meus pares que me ajudaram na construção de uma etapa do conhecimento acadêmico e científico por meio de apresentação de trabalhos, debates, conversas, participação em eventos, pesquisas e viagens. Aos meus amados pais, Ilza e Manoel Joaquim, por todos os esforços de me mostrarem um caminho seguro. A todos, minha eterna gratidão.

“O essencial ‘no céu e na terra’ é, segundo parece, digamo-lo mais uma vez que *se obedeça*, assim deve-se estabelecer algo pelo que valha a pena viver, por exemplo, a virtude, a arte, a música, a dança, a razão, a espiritualidade, enfim, algo que transfigure, de refinado, de louco e divino”.

(NIETZSCHE, p.101)

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	10
2. CASTELO BRANCO E A OBRA AMOR DE PERDIÇÃO.....	12
3. ROMANTISMO.....	14
4. LOGOTERAPIA E O SENTIDO DA VIDA.....	17
5. O ESTUDO DA PERSONAGEM NO ROMANCE.....	19
6. SIMÃO BOTELHO, O REVOLUCIONÁRIO.....	21
7. O SEGUNDO SENTIDO DE VIDA DE SIMÃO BOTELHO.....	24
8. CONCLUSÃO.....	26
REFÊNCIA.....	30
GLOSSÁRIO	

RESUMO

Este trabalho objetiva demonstrar o sentido da vida da personagem Simão Botelho em Amor de Perdição, de Camilo Castelo Branco com base na Logoterapia estreitando-a com a Literatura. Para tanto, a pesquisa é de natureza bibliográfica e conta com a fundamentação teórica, inicialmente, centrada na Literatura com autores como Moisés (2006), Vechi (1994), e, posteriormente, a pesquisa aborda a Logoterapia com o auxílio do autor fundador da teoria psicoterápica Frankl (2005). Nessa conjuntura, o sentido de vida da personagem se situa em dois planos, sendo que o primeiro se materializa no Simão revolucionário que encontra o sentido de vida na doutrina jacobina e nas convicções de figuras como Mirabeau, Danton, Robespierre e o segundo sentido de vida do jovem se materializa no plano do amor por uma menina de quinze anos denominada Tereza de Albuquerque.

Palavras-chave: Romantismo; Logoterapia; Simão Botelho; Sentido da vida.

ABSTRACT

This work aims to demonstrate the meaning of life of the character Simão Botelho in *Amor de Perdição*, by Camilo Castelo Branco, based on Logotherapy, bringing it closer to literature. Therefore, the research is bibliographical in nature and has a theoretical foundation, centered on Literature with authors such as Moisés (2006), Vechi (1994) and, later, a research addresses logotherapy with the help from the founding author of the psychotherapeutic theory Frankl (2005). At this juncture, the character's meaning of life is located on two levels, the first materializing in the revolutionary Simão who finds the meaning of life in the Jacobin doctrine and in the convictions of figures such as Mirabeau, Danton, Robespierre and the second meaning of life of the young man materializes in the plane of love for a fifteen-year-old girl named Tereza de Albuquerque.

Keywords: Romanticism; Logotherapy; Simão Botelho; Sense of life.

1 Introdução

O romance passionnal, *Amor de Perdição*, de Camilo Castelo Branco, possui vários contornos e ramificações que poderiam ser pesquisados e analisados. No entanto, este trabalho, por respeito ao rigor científico, limita-se apenas a desvelar os aspectos referentes ao sentido de vida na personagem Simão Botelho com base na Logoterapia. A interdisciplinaridade entre a psicoterapia frankiliana e a Literatura é um advento da contemporaneidade, bem como, a pesquisa usa apenas conceitos básicos da teoria para alicerçar uma análise de ficção literária.

Em quase todos os manuais de literatura, a obra de Camilo Castelo Branco é citada, em especial ao romance *Amor de Perdição*, objeto desta análise, como voltada ao público feminino, fúnebre, suicida, trágica e até pode-se dizer que há certa nostalgia em volta de suas personagens românticas. Por outro lado, além dessas características citadas, e do ponto de vista deste trabalho, o que não se atará a tragédia em si, vamos reiterar que o cerne da pesquisa é que Simão Botelho encontrou o sentido da vida por duas vezes ao longo da narrativa, o que nos mostra algo peculiar ao movimento romântico na literatura: seus protagonistas são introspectivos, solitários, passionais e carregados da tensão psicológica do indivíduo diante das decisões na vida, daí a nossa escolha por emparelhar uma obra romântica conhecida da língua portuguesa e uma linha de abordagem na área da Psicologia.

O trabalho tem como objetivo geral demonstrar o sentido da vida da personagem Simão Botelho em *Amor de Perdição*, de Camilo Castelo Branco com base na Logoterapia estreitando-a com a Literatura. Os objetivos específicos circundam em conceituar o Romantismo português, principalmente na segunda fase, conceituar a teoria da Logoterapia, elucidar a teoria do Sentido da Vida e aplicar a teoria do Sentido da Vida na análise da personagem Simão Botelho, do livro *Amor de Perdição*.

A presente pesquisa se justifica pela interessante conexão entre o princípio psicoterápico do sentido da vida e a personagem de Simão Botelho, pois a aplicação da teoria do sentido na análise da personagem será um fator determinante para a composição crítica da análise. Haja vista que, o sentido da vida insta o homem a buscar a sua razão de sentido. Por outro lado, a razão não é produzida pela moda terapeuta, e sim pelo próprio indivíduo que necessita encontrar o sentido da vida para obter sua aspiração da existência. Logo, a teoria se

coaduna com as atitudes de Simão Botelho na trama e é um meio importante que corrobora com a análise literária.

A presente pesquisa é de natureza bibliográfica, sendo realizada por meio da leitura da obra *Amor de Perdição*, livros e artigos que são coerentes com a temática da Literatura e, concomitantemente, com o Romantismo, obra e autor. Por outro lado, fez-se necessário a leitura de livros e artigos acerca do tema da Logoterapia que corroboraram para a aplicação da teoria do sentido da vida na análise da personagem Simão Botelho. A pesquisa se centra em três principais focos distribuídos na discussão teórica sobre o Romantismo, a Logoterapia e o princípio do sentido da vida e a identificação dos sentidos da vida, da personagem Simão Botelho.

O referencial para esta pesquisa é constituído por autores do ramo literário, bem como, especificamente, os autores que discutem o Romantismo. Posteriormente, a pesquisa abordou a perspectiva da teoria da Logoterapia e o princípio do Sentido da Vida com a apresentação de conceitos sobre as questões concernentes a teoria. Nessa perspectiva, a contribuição dos autores como Vechi (1994), D' Onofrio (2004), Guerreiro (2015), Moisés (1998), Hauser (2003) tornam-se fundamentais, pois elucidam a questão concernente à compreensão do Romantismo. Por outro lado, os autores como Frankl (2005), Selvatici (2006), Luc Ferry (2012), Korfmann (2002) e outros contribuem com a inserção da psicoterapia do sentido da vida na análise da personagem Simão Botelho.

Este presente trabalho, portanto, a fim de expor a relação Literatura e a Logoterapia, a partir de uma ambientação tensa no plano ficcional, e por que não também, no biográfico do autor, vai se dividir em seis pilares, sendo que o primeiro expõe o autor e a obra, o segundo a discussão teórica sobre os conceitos de Romantismo, o terceiro pilar busca elucidar a teoria da Logoterapia e o princípio da teoria do Sentido da Vida, o quarto aborda a questão do estudo da personagem no romance, o quinto aborda o que vamos chamar de “o primeiro sentido de vida” de Simão, no qual o ideal do revolucionário está vinculado ao personagem, por fim, o sexto traduz “o segundo sentido de vida” do jovem Simão Botelho, o qual se resume o seu amor por Tereza de Albuquerque. Revolução e Amor são os dois sentidos da vida do jovem romântico, luta interna e externa, conflito existencial, marcado pela tensão, e a notória incidência da perdição como resultado desses sentidos de vida e inevitáveis escolhas da personagem.

2 Castelo Branco e a Obra Amor de Perdição

Há algo em comum entre o autor e a personagem Simão Botelho, a sempre discutível e silenciada questão de lidarmos com mais um suicida no reino das artes. Camilo Castelo Branco nasceu em Lisboa, em 1825, na idade tenra fica órfão e parte para Trás-os-Montes, onde realiza seus primeiros estudos. Casa-se, bem jovem, mas logo abandona mulher e filha. Parte para o Porto, e de lá para Coimbra, a fim de cursar medicina. Voltou a residir no Porto em 1843, frequentando a boêmia amorosa e literária da época. Posteriormente, apaixona-se por uma mulher casada. Em 1858, o autor é processado por adultério, e é julgado e absolvido. Em 1862, publica o livro *Amor de Perdição* (1862). Muda-se para S. Miguel de Seide, e se suicida, em 1890.

Para Oliveira (2010), Camilo Castelo Branco é um dos escritores mais celebrados de Portugal no quesito biográfico, intensamente pesquisado ora por sua vida conturbada, ora por sua obra magnífica, e nas palavras do autor citado é [...]“Por outro lado, é talvez o nosso escritor mais biografado, e certamente, o único que o foi ainda em vida” [...] (OLIVEIRA, 2010, p. 04). Além disso, a obra de Camilo Castelo Branco é celebrada e recepcionada pelo grande público português e recebe críticas de grandes críticos literários, tais como Moisés (1998) e Carpeaux (2008) e muitos outros.

Na visão de Guimarães (2012), a obra *Amor de Perdição* foi recepcionada positivamente pelo grande público português por características peculiares como construção das personagens, poucas descrições, aproximação do autor e fato narrado, dentre outras. Por sua vez, Oliveira (2010) diz que os escritos de Camilo Castelo Branco possuem certo paradoxo entre a realidade e a ficção do mundo romanesco, tal habilidade de por a contradição do conotativo e denotativo no texto e a ligação entre vida e a obra, certamente, criou no leitor a percepção de ler um documento factual e não uma obra ficcional romanesca.

Para Moisés (1998), Camilo Castelo Branco se vincula à doutrina da “superafetação” do trágico, criando um mundo paralelo entre o descontrole e a paixão e o historiador ressalta que os eixos norteadores da obra de Camilo eram formados por características como: o amor, a honra, o dinheiro. Por outro lado, Camilo teve o entendimento de reinventar e combater o conformismo de sua própria obra por utilizar dos mesmos temas supracitados acima.

Por seu turno, Carpeaux (2008), o romance idealista centralizou popularidade em traços da nacionalidade de Camilo Castelo Branco que na visão do crítico era um romancista “gótico”, sentimental, choroso e até certo ponto ridículo pelo exagero. Por outro lado, ressalta-se que os contos rústicos de Camilo diferente dos livros passionais como Amor de Perdição encontram características “apreciáveis com ou sem considerações sociológicas” (CARPEAUX, 2008, p. 1636).

O livro, Amor de Perdição, é de natureza dramática, logo o espaço é transfigurado em diversos pontos de Portugal como: Viseu, Porto e Monchique. A obra possui um foco narrativo em terceira pessoa representado por um integrante da família Botelho. O romance passionais se constitui quando Simão Botelho se envolve com ideias radicais da Revolução Francesa, bem como, a personagem tinha a convicção de que os passos de Danton, Robespierre, Desmoulis e Saint-Just deveriam ser repetidos em Portugal com uma ação sangrenta de purificação. Por essas ideias subversivas, Simão Botelho é preso em Coimbra por seis meses perdendo o ano letivo e retorna a Viseu, onde encontra as severas restrições de seu pai.

Por outro lado, ele também encontra na casa vizinha o olhar de Teresa de Albuquerque, logo os jovens se aproximam por diálogos secretos entre janelas e se enamoram com toda a singeleza e doçura de um amor juvenil, mas, a família de Domingos Botelho era rechaçada por Tadeu de Albuquerque, pois o corregedor de Viseu, pai de Simão Botelho, referendou uma sentença desfavorável à família Albuquerque. Além disso, o pai de Tereza odiava Simão pelo incidente da fonte, onde Simão feriu os criados da família Albuquerque.

A conjuntura adversa corrobora para o fortalecimento dos laços entre as personagens. Portanto, a inexorável posição dos pais produz nos filhos uma irreverência inabitual. Quando o pai de Tereza descobre o amor de sua filha pelo filho do seu almoz, monta um estratagema para separá-los, e nesse ínterim entra a figura de Baltasar Coutinho para auxiliar Tadeu na nova empreitada. O plano começava com casamento arranjado entre Tereza e Baltazar, todavia, o amor é um valor subjetivo que não se compra, o casamento foi enfaticamente recusado por Tereza que preferia o monastério ao primo.

3 Romantismo

De acordo com Vechi (1994), o Romantismo foi um movimento impulsionado pelas ideias iluministas do século XVIII e pela conjuntura social, econômica, cultural e política da Revolução Francesa e Industrial. O autor supracitado ressalta que esse movimento se traduz como um complexo emaranhado estético de difícil entendimento. Não obstante, podem-se observar congruência na busca pela subjetividade romântica, pela expressão do sentimento, pelo egocentrismo, pela procura da metafísica. Além disso, o plano estético romântico recusa as regras pré-estabelecidas do modelo padrão e opta pela liberdade criativa e pelo livre-arbítrio do autor perante sua obra.

Moisés (2013) postula que o Romantismo não é só um movimento estético, pois abarca tendências multifacetadas dentro de um cenário maior do que uma revolução literária, sendo então, uma maneira de defrontar os problemas da vida e do pensamento, instaurando uma transformação profunda e uma revolução histórica-social, que é composto por eixos complexos como: filosofia, arte, ciência, moral, religião, política, costume, família, relação social.

Para Hauser (2003), o Romantismo se atrela por apenas um lado na situação entre o conflito e tensão e apenas realça a custa do outro por meio de uma homogeneidade de exagero sentimental que denota um adoecimento espiritual, sendo que o autor diz: [...] “ então o romantismo pode ser qualificado de ‘doente’.” [...] (HAUSER, 2003, p.663). E emenda: [...]“Por que haverá alguém de exagerar e distorcer as coisas se não se sente perturbado e amedrontado por elas? .”[...] (HAUSER, 2003, p.663). Logo, o Romantismo simbolizou um estado de transformação decisiva na história da civilização europeia com a quebra abrupta do racionalismo e a emersão do abandono da razão, da vivacidade do espírito, da vontade e domínio próprio, o emocionalismo descontrolado e uma fluidez de liberalização dos desejos.

Já para D’Onofrio (2004), a corrente romântica, antes de ser um movimento estético, ideológico e social, é uma “atitude espiritual”, o que muito coaduna com a perspectiva psicológica pela qual enveredamos aqui, afinal na trajetória do romance burguês em si observa-se a psicologização de seus protagonistas devido às suas lutas internas. Esse conceito de ação espiritual sempre existiu, haja vista que os artistas estavam dispostos a empregar as

suas emoções nas obras. Além disso, tal estado de espírito se fundamenta na concepção do princípio da existência e da arte. O Romantismo também está ligado ao desenvolvimento sociocultural da Europa como: o aumento do fluxo das atividades comerciais, as Grandes Navegações, progresso científico, a Revolução Industrial, Revolução Francesa e o Liberalismo.

Em Portugal, no século XIX, o Romantismo era introduzido em um país polarizado entre a doutrina monarquista absolutista e o sistema liberal que lutavam pelo controle do governo. As guerras, as invasões, a desconcentração de poder, as reformas políticas, econômicas e administrativas e as novas ideias em circulação favoreceram a nova corrente literária. Assim a revolta liberal de 1820 trouxe arraigada em seu corolário uma revolução literária que no Romantismo lusitano, se encaixou em um “solo já preparado para a sementeira graças à coincidência entre uma tradição histórica que perpetua a Idade Média e as novas tendências pós-clássicas” (MOISÉS, 1998, p.12).

Na concepção de Guerreiro (2015), a literatura portuguesa, no final do século XVIII e início do século XIX, passa por uma mistura de correntes de produção lírica, sendo que a primeira era a antiga corrente neoclássica, a qual transmitia o formalismo da imitação e a outra era corrente que reproduzia a sensibilidade do indivíduo. As alterações sociais, políticas e culturais vinculadas às introduções de ideias iluminista, advindas do Liberalismo, coincidindo com a introdução do ideário da Revolução Francesa produziram um campo fecundo para que o Romantismo se constituísse em Portugal. Esse movimento buscava um novo nível estilístico desvinculado dos aparatos neoclássicos como: léxico, sintaxe e nas formas poéticas adquiridas da simbiose mitologia, alegoria. Além disso, os românticos eram contra a imitação de modelos greco-latinos. Logo, estes primavam pela busca de uma linguagem nova, a busca pela liberdade e pelo sentir.

Guerreiro (2015) postula que o ultrarromantismo predominou em Portugal entre a década de 40 e 60 do século XIX. Tal movimento embasou-se na vertente da poesia romântica francesa e pregava a temática da morte, da saudade, do amor infeliz. O Romantismo, assim, adentrava a um sentido de intensificação, e se constituía na famosa geração de ultrarromânticos, fundamentada na intensidade dos sentimentos, no pessimismo, na melancolia, na religiosidade cristã, no pendor confessional (e aqui mais uma vez um apego à Psicologia), no idealismo amoroso, na poesia do tédio, e ao culto do fim da vida atrelada ao

amor, o amor-total, ou seja, a morte, o funéreo. Estes autores abordaram temas como a melancolia, a noite, a morte, a saudade e o amor infeliz, a cismar num estilo melodramático, lamuriento, mesmo de ingenuidade infantil. E assim era descrito o ato em questão:

Culto do funéreo, do efêmero, da existência, a se contrapor a paradoxais anseios de vida e permanência. Camilo Castelo Branco filia-se a essa atmosfera de superafetação das diretrizes românticas. Suas novelas passionais projetam para a primeira plana criaturas alienadas por paixões descontroladas, entregues a atos de desespero, que patenteiam a ausência de padrões filosóficos ou religiosos que sustentem o embate sangrento da sensibilidade com as várias coerções sociais. (MOISÉS, 1998, p.13)

O autor em questão ressalta a questão da “superafetação” das diretrizes românticas”, a qual o escritor Camilo Castelo Branco se insere representando assim o pioneiro do “mal do século português”, haja vista que cabe ao escritor em parte a reputação de uma obra eivada em excentricidades, amores byronianos, exageros, cárcere privado, assassinatos e suicídio a conta-gotas. De certo, Moisés (2013) conceitua o movimento Ultrarromântico como:

Daí que o romântico mergulhe cada vez mais na própria alma, a examinar-lhe masoquistamente os desvãos, com o intento vaidoso de revelá-la e confessá-la. E, embora confesse tempestades íntimas ou fraquezas sentimentais, experimenta um prazer agri-doce em fazê-lo, certo da superior dignidade do sofrimento. À confissão de intimidades sentimentais corresponde a descoberta de sensações ligadas à fragilidade e ao mistério dos destinos humanos, submetidos aos azares e à perpétua mudança de tudo. Imerso no caos interior, o romântico acaba por sentir melancolia e tristeza que, cultivadas ou brotadas durante a introversão, o conduzem ao tédio, ao “mal do século”. Repetido o tédio, sobrevém uma terrível angústia, logo transformada em insuportável desespero. Para sair dele, o romântico vislumbra duas saídas, apenas diferentes no aspecto e no grau, visto serem essencialmente idênticas: a fuga, a deserção pelo suicídio, caminho escolhido por não poucos, ou a fuga para a Natureza, a Pátria, terras exóticas, a História. O suicídio tornou-se mais ou menos vulgar após o exemplo dado por Werther, seja na forma direta e violenta, mediante o emprego dum revólver ou outro instrumento semelhante, seja na forma indireta, uma espécie de morte em câmara-lenta. Alguns optaram pela primeira fórmula: Gérard de Nerval, Mariano de Larra, Camilo, Antero... Em Portugal, a onda de suicídios cresceu tanto que os jornais tiveram de fazer, nos fins do século XIX, uma campanha de silêncio para impedir que aumentasse ainda mais o número de tresloucados. À segunda fórmula aderiu a maioria, por motivos facilmente explicáveis pela própria instabilidade psíquica determinada ou revelada pela revolução romântica. A vida boêmia, impulsionada pelo álcool e enfebrejada por um hedonismo sem limite, o entregar-se à aventura das armas e do amor (como Byron), – são formas de suicídio, lento mas inexorável. Outra explicação não existe para a verdadeira moda romântica de morrer tuberculoso e, como não bastasse, na flor dos anos, ideal ambicionado por todos. Poucos chegam a idades propectas e não raros morrem antes dos trinta, precocemente envelhecidos ou gastos nos excessos de toda ordem. O grupo dos ultra-românticos em Portugal enquadra-se perfeitamente no caso, realizando o grande sonho de todo romântico que se preze: “morrer na aurora da existência”. (MOISÉS, 2013, p.170-1)

O autor da citação acima ressalta que o grupo ultrarromântico de Portugal postulava o lema de “morrer na aurora da existência”, tal frenesi nascia da ficção e reverberava na realidade com a propaganda maciça de uma popularização do suicídio por meios violentos ou por uma morte a conta-gotas. Moisés cita grandes escritores que praticaram o ato do suicídio e entre eles circula, obviamente, o autor de Amor de Perdição e nomes de peso como Gérard de Nerval, Mariano de Larra, Antero de Quental, os quais por motivos diferentes utilizaram o subterfúgio do suicídio violento para colocarem ponto aos seus problemas. Destarte, o Ultrarromantismo atinge os limites circunstanciais da existência, o drama, com a exacerbação dos sentimentos e com personagens desorientadas por paixões alucinadas que enveredam por caminhos obscuros. Além disso, as características ressaltadas acima produzem nas personagens românticas um estado inabitual de introspecção, solidão e tensão por ora estarem suscetíveis as paixões intensas, ora por um sentimento de amor infeliz.

4 Logoterapia e o sentido da vida

A Logoterapia, de Logos, derivando do grego e significando sentido, é uma teoria fundada por Viktor Emil Frankl (1905-1997), um psiquiatra austríaco, que sofreu as atrozidades do campo de concentração nazista entre 1943 a 1944. O psiquiatra foi aprisionado no campo de Theresin, onde é hoje a República Tcheca, e Auschwitz, na Polônia. Segundo Frankl (2011), a Logoterapia ou Terceira Escola Vienense de Psicoterapia centra-se no sentido da existência e concomitantemente na busca desse ponto norteador. Para tal doutrina, o sentido da vida é a principal força motriz para o indivíduo se constituir no meio social.

Frankl (2005) postula, portanto, que o conceito de Logoterapia é a terapia através do sentido e não o sentido através da terapia, ou seja, a terapia insta o homem a buscar a sua razão de sentido na vida. Por outro lado, a razão não é produzida pela moda terapeuta, é sim pelo próprio indivíduo que necessita encontrar o sentido da vida para obter sua aspiração da existência, e disserta sobre a busca da vontade de sentido como:

O homem procura sempre um significado para sua vida. Ele está sempre se movendo em busca de um sentido de seu viver; em outras palavras, devemos considerar aquilo que chamo a “vontade de sentido” como um ‘interesse primário do homem’, para citar o comentário que Abraham Maslow fez sobre um de meus trabalhos. (FRANKL, 2005, p. 29)

A vontade de sentido é o ponto nevrálgico da teoria, haja vista que, este quesito nas palavras do psiquiatra é abordado como: “[...] a busca do indivíduo por um sentido é a força primordial em sua vida” (FRANKL, 2011, p.02). Tal objetivo motivador é inerente à espécie humana que busca um sentido, uma fonte para se viver. No prefácio do Livro Em Busca de Sentido: Um Psicólogo no Campo de Concentração, o professor Gordon Allport cita uma frase de Nietzsche: "Quem tem por que viver pode suportar quase qualquer coisa" (FRANKL,

2008, p. 07), tal frase se encaixa e elucida o princípio da vontade. Dessarte, o ser humano possui um “porque viver” logo pode suportar “qualquer como”. E mais adiante se confirma:

A busca do indivíduo por um sentido é uma força primordial em sua vida, e não uma "racionalização secundária" de impulsos instintivos. Esse sentido é exclusivo e específico, uma vez que precisa e somente pode ser cumprido por aquela determinada pessoa. Somente então esse sentido assume uma importância que possa satisfazer à sua própria vontade de sentido. Alguns autores sustentam que sentidos e valores são "ainda mais que mecanismos de defesa, formações reativas e sublimações". Mas, pelo que toca a mim, eu não estaria disposto a viver em função dos meus "mecanismos de defesa". Nem tampouco estaria pronto a morrer simplesmente por amor às minhas 'formações reativas', O que acontece, porém, é que o ser humano é capaz de viver e até de morrer por seus ideais e valores. (FRANKL, 2011, p.03)

E assim, entendemos que nada vai deter aquele que vive e morre pelo seu sentido de viver, indiferente à morte, há algo acima, um sentido, uma determinação, como um roteiro fixo na mente de quem procura realmente entender como se suporta até as maiores agruras até mesmo em campos de concentração.

E na literatura não é diferente, desde filósofos, artistas, biólogos, físicos, romancistas, famosos e pessoas comuns se perguntam sobre o sentido da vida e tal reflexão produz uma introspecção metafísica de qual sentido nos guia para a vida. É certo que esse sentido ou ideias como ressalta o psiquiatra podem nos levar a vida e até a morte. Sendo que o objetivo pode produzir conjunturas de dor, sofrimento e perigos futuros para o ser humano. Alguns casos serão citados abaixo para a reflexão e exemplificação da teoria.

Para Selvatici (2006), Estevão, o diácono famoso do Cristianismo, encontra o sentido da vida quando é nomeado um dos sete diáconos que devem cuidar das viúvas da comunidade cristã e judaica, bem como a figura de Estevão é aludida como um homem cheio de fé e do Espírito Santo. Para Estevão, o sentido da vida foi materializado na defesa do evangelho do Senhor Jesus Cristo em Jerusalém, tal atitude o levou a condenação perante o sínédrio dos judeus, todavia Estevão resistiu a todas as investidas e acusações contra sua fé cristã e resguardou-se de perder o sentido da vida mesmo que esse caminho o levasse à morte.

Pelo ponto de vista do confronto, do embate, há coisas que mesmo no ambiente do enfrentamento no campo das ideias, na visão de Luc Ferry (2012), Sócrates é o criador da arte do diálogo ou dialética, tal método busca um determinado tema de discussão filosófica e dado esse passo os interlocutores apontando intercessões entre os argumentos coerentes a fim de

atingirem a verdade. Platão (2013), autor do livro *Apologia de Sócrates*, retrata que Sócrates, mesmo sendo acusado e condenado por Meleto de corromper os jovens e negar os deuses gregos, encontrou o sentido da vida na filosofia, no ensino e na dialética com o objetivo de auxiliar a construção de pensamento da antiga Grécia, evidentemente corroborando um momento de tensão, uma história conhecida de todos.

Os sentidos de vida acima são ligados diretamente ao amor, pois ambos os princípios se traduzem como a única estrutura que pode transcender outro ser humano ou coisa no seu interior. Os exemplos da dedicação de Estevão pelo diaconato e de Sócrates pela filosofia revelam que o amor a algo é um sentido de vida forte para continuidade da existência, o amor, é assim, é um começo de tudo, começo da vida. E neste caso, a proposição do sentido do amor postula que ninguém conhece outros seres humanos sem amá-los. Para Frankl (2011), o amor é um ato espiritual de percepção de características peculiares do ser amado que fortalece e ressalta o sentido da vida.

5 Estudo da personagem no romance

A personagem é uma caricatura ficcional que transita no mundo do ser ficcional e do ser vivo, além do mais, o paradoxo da criação literária se movimenta na verossimilhança que traça as similaridades entre as relações dos seres vivos e ficcionais. A criação da personagem no romance é produzida de modo fragmentada, incompleta e manipulada pelo escritor que assume a direção e a delimitação racional do romance. Candido (1976) diz:

A personagem é um ser fictício, — expressão que soa como paradoxo. De fato, como pode uma ficção ser? Como pode existir o que não existe? No entanto, a criação literária repousa sobre este paradoxo, e o problema da verossimilhança no romance depende desta possibilidade de um ser fictício, isto é, algo que, sendo uma criação da fantasia, comunica a impressão da mais lídima verdade existencial. Podemos dizer, portanto, que o romance se baseia, antes de mais nada, num certo tipo de relação entre o ser vivo e o ser fictício, manifestada através da personagem, que é a concretização deste. (CANDIDO, 1976, p.52)

Para Candido (1976), a visão fragmentada existe na vida e na ficção, sendo que o fragmento da vida é inseparado da experiência individual, a qual o ser humano é submetido durante a vida, por outro lado, a fragmentação da personagem do romance é constituída por uma criação por parte do escritor que ajusta sua personagem a uma estrutura elaborada, coesa e menos variável.

O romance faz um paralelo conceitual entre o ser vivo e o ser fictício por meio da personagem, a qual concretiza o romance. Observa-se também a percepção da psicologização introduzida por escritores do século XIX que postulam os seres são *per si* misteriosos e necessitam de um método sistemático da psicologia moderna a fim de desvendar os campos cinzentos atrelados aos seres. Candido Ressalta o aspecto com tal elucidação:

Esta constatação, mesmo feita de maneira não-sistemática, é fundamental em toda a literatura moderna, onde se desenvolveu antes das investigações técnicas dos psicólogos, e depois se beneficiou dos resultados destas. É claro que a noção do mistério dos seres, produzindo as condutas inesperadas, sempre esteve presente na criação de forma mais ou menos consciente, — bastando lembrar o mundo das personagens de Shakespeare. Mas só foi conscientemente desenvolvida por certos escritores do século XIX, como tentativa de sugerir e desvendar, seja o mistério psicológico dos seres, seja o mistério metafísico da própria existência. A partir de investigações metódicas em psicologia, como, por exemplo, as da psicanálise, essa investigação ganhou um aspecto mais sistemático e voluntário, sem com isso ultrapassar necessariamente as grandes intuições dos escritores que iniciaram e desenvolveram essa visão na literatura. (CANDIDO, 1976, p.54)

Cabe-se ressaltar que apesar da introdução da “psicologia literária” (CANDIDO, 1976, p. 57) nutrir um aspecto amplo, a performance da personagem continua estruturada no esboço limitado da seleção de alguns elementos que criam a configuração de uma percepção ilimitada como bem cita (CANDIDO, 1976, p. 54-5) [...] “Assim, numa pequena tela, o pintor pode comunicar o sentimento dum espaço sem barreiras”. Essa característica do romance moderno de imergir rumo ao emaranhado de atos da psicologia da personagem que se transmutou da passagem do enredo complexo e da personagem simples para um enredo simples e uma personagem complexa.

Segundo Forster (2005), o romance é composto por “Pessoas”, ou seja, o termo pessoas é justificado pela razão do romancista e o tema possuem afinidades, pois o romancista é um ser humano que transforma os arranjos verbais de massa em personagens, assim dando a eles nomes, sexos e sentidos plausíveis. O autor supracitado diz que o romancista trabalha com dados essenciais da realidade como o nascimento, o amor, a alimentação, o sono e a morte que passam por adequações operadas por centenas de romancistas que possuem métodos peculiares para criarem o *Homo fictus* que geralmente possuem uma gênese súbita, uma morte paulatina, sem muita necessidade de sono e alimentação e, por fim, um relacionamento perene no que toca ao amor.

Para Forster (2005), a personagem pode ser dividida em personagem plana e personagem redonda, sendo que a personagem plana é chamada de tipos ou caricaturas pela essência simples de expor apenas um fator ou posição linear durante toda a trama. O autor exemplifica a personagem plana como [...] “O personagem realmente plano pode ser expresso numa frase como “Jamais hei de abandonar Mr. Micawber”. Existe uma Mrs. Micawber – ela afirma que não há de abandonar Mr. Micawber; ela não o faz, e fica nisso.” (FORSTER, p. 58), ou seja, nas palavras de Forster, as personagens são inalteradas porque não mudam de posição. Por outro lado, a personagem redonda possui mais de um fator com uma organização complexa e com capacidade de surpreender o leitor. Além disso, Forster (p.58) externa que apenas as personagens redondas podem exercer a atuação da tragédia por um período de tempo elástico, e concomitantemente, só elas podem despertar sentimentos que não sejam inerentes ao humor e a simplicidade.

Na visão de Benjamin (1987), o romance separa o essencial do tempo que por sua vez é uma ação interna que luta contra a ação do tempo que concomitantemente alcança as experiências temporais autênticas como a esperança e a reminiscência, as quais capacitam o sujeito a romper o binarismo da exterioridade e interioridade quando adquire a percepção da unidade total de sua vida. Benjamin diz que [...] “A visão capaz de perceber essa unidade é a apreensão divinatória e intuitiva do sentido da vida, inatingido, e portanto, inexprimível” (BENJAMIN, 1987, p. 212). Para o autor, o sentido da vida é o cerne do romance, pois é o centro que se move em volta do romance em direção a uma cessão de uma experiência singular ao leitor que afunda na vida da personagem, ou seja, convida o leitor a refletir sobre o sentido da vida.

6 Simão Botelho, o revolucionário

O sentido da vida, associado a algum tipo de amor, em sua conjuntura passional, é a motivação máxima, portanto, para um protagonista ultrarromântico viver em sociedade sob o jogo de outra passional ambientação, a de reformas liberais urgentes. Logo a personagem de Simão Botelho criou dois sentidos de vida na trama de Amor de Perdição, pela paixão às ideias radicais e violentas, mesmo se dizendo “liberal”, e pelo o amor de Teresa de Albuquerque, mesmo se dizendo apaixonado. E isso nos leva a refletir no campo psicológico: a mesma intensidade provoca o mesmo fim.

O mais importante é a narrativa, é a escrita, e o confessional das cartas. É assim que na psicologia de quem escreve um relato íntimo se observa: os primeiros indícios desse desequilíbrio são relatados em carta enviada por Manuel, irmão de Simão, ao corregedor em que esse basicamente denunciava o gênio violento e sanguinário do irmão mais novo. Nessa conjuntura, Simão empregava o dinheiro dos livros em armas e à noite fazia assuada, a famosa arruaça, no dizer lusitano, na rua desafiando os cidadãos.

A personagem Simão Botelho é a alegoria de “um Portugal jovem” e radicalizada com as fortes ideias que iriam inspirar motins e rebeliões contra a nobreza. Simão Botelho também representa a jovialidade romântica que com quinze anos de idade começa a estudar Humanidades em Coimbra. Tal personagem encontra o sentido de vida nos ideais revolucionários da doutrina jacobina, logo a sua fonte de convicção transbordava em atitudes de figuras como Mirabeau, Danton, Robespierre.

Para Martins (2010), as ideias jacobinas floresciam em Portugal transmitindo aos nobres um sentimento de medo dos jacobinos. Logo, os apóstolos da impiedade revolucionária em todos os lugares nasciam, cresciam e anunciavam o segundo terramoto português. E é assim, em paralelo com a história real, que a personagem se apega ao sectarismo jacobino mais embasado em paixões da novidade do que no raciocínio metódico dos enciclopedistas, pois os manuscritos e obras sediciosas eram censurados pela Coroa. O próprio autor confirma o que acabamos de dizer:

O acadêmico, porém, com os seus entusiasmos, era incomparavelmente muito mais prejudicial e perigoso que o mata-mouros de tragédia. As recordações esporeavam-no a façanhas novas, e naquele tempo a academia dava azo a elas. A mocidade estudiosa, em grande parte, simpatizava com as balbuciantes teorias da liberdade, mais por pressentimento, que por estudo. Os apóstolos da revolução francesa não tinham podido fazer revoar o trovão dos seus clamores neste canto do mundo; mas os livros dos enciclopedistas, as fontes onde a geração seguinte bebera a peçonha que saiu no sangue de noventa e três, não eram de todo ignorados. As doutrinas da regeneração social pela guilhotina tinham alguns tímidos sectários em Portugal, e esses de ver é que deviam pertencer à geração nova. (BRANCO, 2002, p.25)

A união entre as características peculiares da paixão pela violência e a paixão pelos pensamentos revolucionários são o cerne do primeiro sentido da vida de Simão Botelho, veja que a admiração pelos ideais revolucionários surgiu mais por certa imaturidade jovial do que pelo estudo sistemático do corolário de ideias dos enciclopedistas. Para Moisés (2004), o Romantismo postulava que a razão e a análise científica eram submissas ao sentimentalismo

do coração. Dessa forma, o sentido de vida revolucionário de Simão Botelho se coaduna ao aspecto romântico jovial anárquico que desobedece as regras pré-estabelecidas pelas normas da realeza lusitana.

A irracionalidade romântica, um dos pontos cruciais da doutrina romântica, moveu Simão Botelho a seguir os passos dos protagonistas da Revolução Francesa, pois o enredo deixa claro que a personagem centrava-se em prol de um ideal ingênuo de liberdade por meio de um banho de sangue contra um Estado arbitrário e opressor. Nessa situação, a paixão aos revolucionários chega ao ponto de uma defesa cega aos atos tirânicos ocorridos na república francesa:

Mirabeau, Danton, Robespierre, Desmoulins, e muitos outros algozes e mártires do grande açougue, eram nomes de soada musical aos ouvidos de Simão. Difamá-los na sua presença era afrontarem-no a ele, e bofetada certa, e pistolas engatilhadas à cara do difamador. O filho do corregedor de Viseu defendia que Portugal devia regenerar-se num batismo de sangue, para que a hidra dos tiranos não erguesse mais uma das suas mil cabeças sob a clava do Hércules popular. (BRANCO, 2002, p.26)

Para Hauser (2003), o século XIX introduziu uma novelística que dividiu a alma e o carácter em polos antagônicos do mundo físico, logo a psicologia se tornou a dualidade entre o eu e o não-eu e passou a descrever a totalidade das aspirações de explorar as dimensões espirituais do homem moderno que possuía tendências de racionalidade, irracionalidade, talentos e instintos. Portanto, o autor, baseado na leitura de *Ulisses*, de James Joyce, postula que o abandono do enredo e a desmitificação do herói são uma continuação do romance proustiano, o qual traça o apogeu do romance psicológico e do descolamento da alma equalizada na realidade. A personagem Simão Botelho se enquadra na figura do deslocado, do desequilibrado, louco, irracional ao qual desmitifica o herói em prol da “deseroificação” de um *Homo fictus* que sofre com a derrocada de seus ideais revolucionários e se apaixona por Tereza de Albuquerque com a tendência ora de assassino passional capaz de tudo, ora um romântico apaixonado.

O sentido da vida de Simão Botelho, então, até aquele momento estava firmado na violência e no sentimento revolucionário. Por outro lado, a conjuntura da prisão e concomitantemente o desterro para a cidade de Viseu muda completamente o destino do jovem que outrora vivia em conspirações contra o Estado. Logo, a intersecção, entre a personagem do romance publicado no século XIX e a psicoterapia do sentido da vida do

século XX, está na questão da “deseroificação” de um jovem que perde sua perspectiva de sentido de vida de uma revolução do sistema vigente. Nessa conjuntura, o cenário de Simão Botelho poderia avançar para um estado de frustração existencial causando um estado de espírito vegetativo de um suicida imaturo.

A ficção camiliana é uma constante que abrange a tragédia e a jovialidade do espírito romântico baseado por um toque de realidade documental que enlaça o leitor a querer mais de uma personagem que não se entrega a morte, facilmente, e sim vive uma constante de renovação, tal fator ocasiona na obra uma abrupta ruptura de vazio para o direcionamento seminal do sentido de vida motriz, a qual substituiu o fracasso do herói sanguíneo por um sentido de amor jovialesco profundo e, de certa forma, eterno até as últimas consequências.

7 O segundo sentido de vida de Simão Botelho

Não vai ser diferente do primeiro, como vimos acima, porém de outra forma. A exigência para a concretização de um amor romântico se alimenta na união de dois seres humanos que se amam mutuamente. Tal sentimento não pode ser arquitetado como os grandes projetos da humanidade, ou seja, o amor é um ato singelo e indeterminado, o qual pode ocorrer ou não. Dessa forma, o sentido de amar no Romantismo é como um arranjo imediato fortuito de felicidade que é suscetível a desventuras posteriores:

O amor correspondente não pode ser forçado, planejado ou implantado via esforço, ele acontece ou não. Com isso, encontra-se constantemente na margem da infelicidade, dispondo assim da oportunidade de celebrar, no clímax do romance romântico, o amor mútuo como milagre e salvação da incerteza absoluta. A espera, o não saber na proximidade da infelicidade, força uma reflexividade elevada e uma vivência intensificada, muitas vezes reforçada pela experiência da distância, que permite uma combinação de auto-reflexão e engagement impossível de ser alcançada no prazer imediato. (KORFMANN, 2002, p.84).

Inicialmente, a personagem de Simão Botelho buscou o sentido na violência e na revolução pela força. Entretanto, o amor é um sentimento arrebatador que muda qualquer cenário, tal qual ocorreu com o protagonista de Amor de Perdição. A demonstração dessa mudança radical está no trecho: “Simão Botelho amava. Aí está uma palavra única, explicando o que parecia absurda reforma aos dezessete anos” (BRANCO, 2002, p.27). Logo, deduz-se que o jovem constituía dentro de si um sentido de vida para com alguém. Esta personagem é descrita como uma menina de quinze anos, filha de Tadeu de Albuquerque, e de

nome Tereza de Albuquerque. Ambos casuisticamente se encontraram por olhares que rompiam a janela e se enamoravam com o amor doce e jovial romântico.

No entanto, como Korfmann (2012), o amor romântico é sujeito a intempéries e incertezas derivadas de sua própria gênese casuística. Assim aconteceu com as personagens Simão e Tereza que rememoraram a síndrome de Romeu e Julieta, haja vista que o pai de Tereza odiava o pai de Simão, por motivos de sentenças prolatadas por Domingos Botelhos. De fato, o amor de Simão e Tereza, a partir daquele momento, sofreria com investidas cruéis de ambas as famílias.

A subjetividade do romance chega ao ponto crítico quando Simão Botelho encontra o segundo sentido de vida no amor, o que lhe atenua a violência a uma certa direção mais pessoal, bem como há uma ligação espiritual entre as personagens o que produz um pacto silencioso de vida espiritual entre ambas. Simultaneamente, o protagonista é confrontado com nuances como: o casamento arranjado de Tereza com Baltazar, a jovem Mariana, a prisão de Tereza no convento, o assassinato de Baltazar Coutinho, a prisão, a forca e o desterro.

No entanto, o sentido de amor acaba sendo, em um sentido metafórico, a figura da ave fênix, pois por várias vezes, a personagem de Simão define e redefine o cenário da trama como ora positivo, ora negativo para concretizar o amor, veja esta resolução do rapaz “Não me fuja ainda, Teresa. Já não vejo a forca, nem a morte.” (BRANCO, 2002, p.97). A emblemática frase começa com “não me fuja ainda”, ou seja, a tradicional negação romântica, o dizer não às circunstâncias adversas da vida, a personagem assim reforça que está viva e almejando o amor, bem como, a cena que demonstra que o sentido de amor era *sine quo non* para a definição entre a linha tênue da vida e morte espiritual de ambas as personagens.

. Frankl (2005) explica que o sentido pode também ser encontrado por meio de situações delicadas quando se enfrenta um destino imutável. Nessa conjuntura adversa, o sentido é válido, haja vista que, apesar do sofrimento, o sentido último não é racionalizado em um plano racional e sim em um plano existencial, por meio da fé. O amor de Simão por Tereza representa esta ótica de um sofrimento validado por um sentido maior que rompe com as barreiras impostas pelas ordens constituídas e pela situação tensa e conflituosa entre a família Albuquerque e a família Botelho.

Nesse plano, o esgarçamento emocional das personagens foi levando ao máximo em toda a trama, todavia o desfecho se fundamentou no sentido de amor metafísico postulado por Simão no trecho: “Não temos nada neste mundo, caminhemos ao encontro da morte... Há um segredo que só no sepulcro se sabe. Ver-nos-emos?” (BRANCO, 2002, p.123). Portanto, a personagem Simão Botelho não renega o sentido de amor e sim apenas o introduz a um plano incerto e metafísico.

8 Conclusão

Para Dante (2002), os críticos de arte e de literatura possuem uma recusa a perspectiva extra artística da análise da obra. Na literatura, há duas correntes de pensamento acerca do tema, sendo que a primeira tende a alargar os processos de percepção da literatura como sociológicos e psicológicos, e a outra, postula que a literatura só pode ser analisada por processos estritamente literários. O autor postula no ensaio que não busca um alinhamento entre as duas correntes e sim delimitar os recursos psicológicos a fim de que a psicologia contemporânea resolva problemas da obra literária, haja a vista que a psicologia possui perspectivas diversas da crítica literária e das outras ciências.

O ensaísta diz que não se apresenta uma solução definitiva para a análise da obra literária e a psicologia, mas traça um panorama e ressalta a importância dos processos psicológicos na análise literária: “Em primeiro lugar, poder-se-ia dizer que é impossível comentar uma obra literária sem fazer menção a processos psicológicos” (DANTE, 2002, p.27) e emenda que “a escolha do crítico não consiste em utilizar, ou não, a psicologia, mas em utilizar a psicologia do senso comum ou a psicologia científica” (DANTE, 2002, 27).

Sabendo que o Romantismo português do século XIX, principalmente em sua segunda fase, instaurou na massa cultural um espírito wertheriano que vulgarizou o suicídio como um instrumento singelo para reverter uma norma moralista burguesa. E, Por outro lado, como também sabendo que a teoria da Logoterapia do século XX, fundada por Viktor Frankl, trabalha com o sentido da vida para evitar os transtornos que podem levar o jovem ao suicídio, então, vislumbrou-se um estreitamento entre a psicoterapia do sentido da vida e a personagem romântica de Simão Botelho.

A união entre Literatura, Romantismo, Logoterapia, Amor de Perdição, Camilo Castelo Branco, Viktor Frankl e a personagem Simão Botelho é a expressão de uma conexão

entre os séculos XIX, XX e XXI, haja vista que os problemas sociais e psicológicos apresentados tanto na literatura romântica quanto na psicoterapia de Frankl estão prementes no homem contemporâneo, o qual Agamben (2009) postula como um homem que odeia o seu tempo, tal como Simão Botelho odiava a conjuntura política e social de Portugal, mas sabe que não pode fugir do seu tempo, tal qual a personagem que ora revolucionário e ora apaixonado ousou transformar o seu tempo e colocá-lo em relação com outros tempos.

Romance moderno e Psicologia se irmanam ao adentrar à mente humana via ficção. E assim, Dante (2002) aborda os critérios psicológicos na obra de Machado de Assis, por exemplo, e afirma que a eliminação dos aspectos psicológicos da obra do autor de Dom Casmurro seria a redução e anulação do jogo estilístico da obra do autor. Sendo assim, o autor diz que é evidente que a situação contemporânea dos conhecimentos necessita de uma sistematização que só pode ser gerada pela psicologia científica.

A interação entre Psicoterapia do sentido da vida e Literatura é uma mescla de conexões ainda incipiente no meio da análise literária, mas é interessante ressaltar que Dante (2002), já citado acima, disserta que o caminho para pesquisas que envolvam Literatura e Psicologia se orientem pela psicologia científica e, por isso, as pesquisas neste ramo incipiente devem ser revestidas de conhecimento básico da Logoterapia, sendo que a obra Amor de Perdição possui personagens com sentidos de vida diferentes, no entanto, interligados numa tríade composta por Simão Botelho, Mariana, Tereza de Albuquerque. Nessa perspectiva, a pesquisa e análise da personagem Mariana, em paralelo com Werther, pode nutrir o sentido de vida de acompanhar Simão Botelho em todas as circunstâncias na trama.

Nessa conjuntura, foi assim que a Logoterapia como teoria do sentido embasou nossa análise literária por meio de uma sinergia entre literatura e a nova ciência contemporânea, a Psicologia. Na obra de Camilo Castelo Branco, a personagem percorreu a trama romântica em dois caminhos que ora se interlaçam, ora se separam, ora violenta, pela revolução liberal, ora abrandada pelo choque do sentimento amoroso, ou seja, uma personagem que transborda uma vivência anímica violenta e passional, uma quase dialética socrática-estevina, grego-cristã, cujo ápice é o auto-sacrifício, o suicídio, que redime toda culpa.

Portanto, a introdução da Logoterapia e do princípio psicoterápico do sentido da vida foi um instrumento de grande valia para a elucidação e análise da personagem. Além disso,

notou-se que houve dois sentidos, sendo que o primeiro foi inserido por ideias revolucionárias que rapidamente sofreu um processo de efemeridade. Por outro lado, a personagem encontrou no amor o sentido perene da vida, mesmo que movido pela obsessão, esse sentido da vida acaba encontrando na morte a sua complementaridade, algo típico de um protagonista ultrarromântico: ama-se até à morte, eis o amor total.

Referências

- AGAMBEN, Giorgio, *O que é o contemporâneo? e outros ensaios*. Chapecó: Argos, 2009.
- BENJAMIM, Walter. *Magia e Técnica, Arte e Política*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.
- BRANCO, Camilo Castelo. *Amor de Perdição*. 29. ed. São Paulo: Editora Ática, 2002.
- CANDIDO, Antonio, et al. *A Personagem de Ficção*. 2. ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 1976.
- CARPEAUX, Otto Maria. *História da Literatura Ocidental*. 3. ed. Brasília: Edições Senado Federal, 2008. p.1635
- D' ONOFRIO, Salvatore. *Literatura Ocidental: Autores e Obras Fundamentais*. São Paulo: Ática, 2004. p. 327.
- DANTE, Moreira Leite, *Psicologia e Literatura*. 5º ed. São Paulo: UNESP: 2002. p. 23-27
- FERRY, Luc. *Aprender a viver: Filosofia para os Novos Tempos*. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2012. p. 106-107.
- FORSTER, Edward Morgan, *Aspectos do Romance*. São Paulo: Editora Globo, 2005.
- FRANKL, Viktor Emil. *Sede de Sentido: Conceitos Básicos de Logoterapia*. Mens Sana Publicações Eletrônicas Para Ler e Pensar, 2011.p. 10.
- FRANKL, Viktor Emil. *Em Busca de Um Sentido: Um Psicólogo no Campo de Concentração*. 25. ed. Petrópolis- Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2008.
- FRANKL, Viktor Emil. *Um Sentido para a Vida: Psicoterapia e Humanismo*. Aparecida, São Paulo: Editora Ideias & Letras, 2005.
- GUERREIRO, Emanuel. *O Nascimento do Romantismo em Portugal*. Revista Diadorim 17, Rio de Janeiro, v.1, p.66-82, jul, 2015. p.01-67.
- HAUSER, Arnold. *História Social da Arte e da Literatura*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- KORFMANN, Michael. *O Romantismo e a Semântica do Amor*. Fragmentos, Florianópolis, n. 23, p. 083/101, jul/dez. 2002. p.84.
- GUIMARÃES, Terena Thomassim. *Recepção de Amor de Perdição em Portugal*. Revista Nau Literária, v.8,p.01-15, jul,2012.
- MARTINS, Oliveira. *História de Portugal*. Editora Vercial, 2010.
- MOISÉS, Maussaud. *A Literatura Portuguesa*. 37. ed. São Paulo: Cultrix, 2013.

- MOISÉS, Massaud. *Dicionário de Termos Literários*. 1. ed. São Paulo: Cultrix, 2004. p. 409.
- MOISÉS, Massaud. *Presença da Literatura Portuguesa: Romantismo-Realismo*. 7. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998. p. 13-14.
- NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *Além do Bem e do Mal*. Curitiba: Hemus editora S.A.
- OLIVEIRA, Maria Antónia Neves Nazaré. *Os Biógrafos de Camilo*. 2010. 200. Dissertação – (Estudos Portugueses) Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2010. p.04-08.
- PLATÃO. *Apologia de Sócrates*. São Paulo: Saraiva, 2013. p.01.
- SELVATICI, Monica. *O martírio de Estevão e a comunidade cristã de Jerusalém: a questão da memória no relato historiográfico de Atos dos Apóstolos*. Óracula, São Bernardo do Campo, v. 2, n. 3, p.01-10, 2006.
- VECHI, Carlos Alberto. Preliminares. In: *A Literatura Portuguesa em Perspectiva: Romantismo/Realismo*. São Paulo: Atlas, 1994. v.3, p.11-28.

Glossário

Logoterapia: A terceira escola de psicológica de Viena é fundada por Viktor Frankl, tal teoria postula que o homem é um ser biopsicoespiritual, pois o homem possui um sentido para vida, ou seja, todo o homem tem uma vontade de sentido para viver.

Sentido da vida: É o sentido central que move o ser humano durante a vida física, ou seja, é o objetivo primordial para viver que pode ser alcançado por meio do amor, filosofia, empatia ou uma coisa que valha a pena viver.

Viktor Emil Frankl: psiquiatra austríaco fundador da Terceira Escola Vienense de Psicoterapia de Viena, conhecida como Logoterapia.

Wertherismo: termo derivado da personagem Werthe, de Johann Wolfgang Von Goethe. Refere-se à tragédia de Werthe, ou seja, o sentimento de melancolia profunda que pode levar ao ato do suicídio.

Byronismo: corrente que segue a linha fúnebre, pessimista e narcisista do poeta inglês Lord Byron.

Homo fictus: É um paralelo não equivalente com *Homo sapiens* que expressa à figura da personagem por meio de uma vida mais intensa, pois o seu criador ou romancista leva o leitor para dentro da personagem.

Meleto: Poeta menor e o maior acusador de Sócrates.

Estevão: Um dos sete homens escolhidos por ordem dos apóstolos para serem diáconos da Igreja primitiva de Jerusalém.